XII ENABET
SALVADOR 2025
ETNOMUSICOLOGIA
SABERES, CRIATIVIDADE E AÇÕES AFIRMATIVAS
10 A 14 DE NOVEMBRO DE 2025

OS 84 ANOS DA ALA DE COMPOSITORES DA MANGUEIRA

Homenagem a Jorge Zagaia

Guilherme Sá
Universidade Federal do Rio de Janeiro
saguilherme21@gmail.com

GT 11- Música, territórios e encontros: a sonoridade das f(r)estas

Resumo: O presente trabalho apresenta uma das etapas da pesquisa-ação participativa em andamento sobre a Ala de Compositores da escola de samba Estação Primeira de Mangueira. O artigo analisa a festa de comemoração dos 84 anos da ala, realizada em 22 de janeiro de 2023, ocasião em que também se homenageou o centenário de Jorge Zagaia, compositor fundador do grupo, a partir da perspectiva de um pesquisador-compositor, membro da ala e colaborador ativo em suas atividades. A pesquisa acompanhou todas as etapas do evento, da organização aos desdobramentos posteriores, articulando observação, prática musical e participação coletiva. A proposta inicial da roda privilegiava o canto coletivo, inspirado em rodas e ensaios das décadas de 1950 e 1960, mas questões internas relativas à adesão dos compositores, ao domínio do repertório e às expectativas individuais de protagonismo transformaram o formato previsto. Essas dinâmicas e conflitos evidenciaram distintas concepções por parte dos compositores acerca do papel da ala dentro da agremiação, bem como diferentes entendimentos sobre memória, formas de condução musical, tradição, modernidade e autenticidade. O episódio marcou uma das primeiras iniciativas da diretoria que passou a comandar a ala de compositores da Mangueira no intuito de estabelecer formas de negociação dentro da própria escola e ressignificar o papel contemporâneo da ala de compositores, outrora reconhecida como elite intelectual da Mangueira, e hoje empenhada em reestabelecer seu prestígio no seio da agremiação.

Palavras-chave: pesquisa-ação participativa; ala de compositores; Mangueira: samba; etnomusicologia.

THE 84TH ANNIVERSARY OF MANGUEIRA'S COMPOSERS' Wing and Tribute to Jorge Zagaia

Abstract: A This paper presents one of the stages of an ongoing participatory action-research project on the Composers' Wing of the samba school Estação Primeira de Mangueira. The article analyzes the celebration of the Wing's 84th anniversary, held on January 22, 2023, which also paid tribute to the centenary of Jorge Zagaia, a founding composer of the group, from the perspective of a researcher-composer, member of the Wing, and active collaborator in its activities. The research followed all stages of the event — from its organization to the subsequent developments — articulating observation, musical practice, and collective participation. The initial proposal of the samba gathering privileged collective singing, inspired by rodas and rehearsals from the 1950s and 1960s, but internal tensions regarding composers' engagement, knowledge of Zagaia's repertoire, and individual expectations of protagonism reshaped the planned format. These dynamics and conflicts revealed distinct conceptions among composers about the role of the Wing within the school, as well as differing understandings of memory, modes of musical leadership, tradition, modernity, and authenticity. The episode marked one of the first initiatives of the new board of directors leading the Mangueira Composers' Wing, aiming

to establish forms of negotiation within the school itself and to reframe the contemporary role of the Wing — once recognized as the intellectual elite of Mangueira — now striving to reestablish its prestige within the samba school.

Keywords: participatory action-research; composers' wing; Mangueira; samba; ethnomusicology.

Introdução

O episódio analisado neste artigo faz parte de uma pesquisa etnográfica mais ampla que desenvolvo sobre a Ala de Compositores[1] da Estação Primeira de Mangueira desde 2022. Trata-se de uma investigação motivada, em grande medida, por uma sensação de pertencimento ao grupo, uma vez que também sou um compositor vinculado à ala. Comecei a participar das disputas internas de samba de enredo da escola em 2015 e, a partir de 2017, após um pedido do compositor Tantinho da Mangueira[2], meu parceiro nessas composições e uma grande referência musical na escola e no universo do samba, ao então presidente da ala, Roddy do Jacarezinho, passei a frequentar regularmente as reuniões do grupo, bem como a participar de confraternizações e encontros musicais promovidos pela ala. Em razão dessa proximidade com o grupo, minha atuação em campo enquanto pesquisador assumiu também um caráter de pesquisa-ação participativa (CAMBRIA; FONSECA; GUAZINA, 2016), envolvendo não apenas a observação das dinâmicas internas da ala, mas também a colaboração direta em iniciativas voltadas à sua ressignificação, fortalecimento e retomada do protagonismo histórico que sempre exerceu dentro da agremiação.

Trata-se de um segmento que, outrora, era entendido como uma espécie de elite intelectual dentro das escolas de samba (GOLDWASSER, 1975), cujos integrantes eram considerados donos de um talento inato (CAVALCANTI, 1994), mas que, em função de inúmeras transformações ocorridas no universo do carnaval ao longo das últimas décadas, perdeu parte de sua importância e de seu prestígio dentro das agremiações.

---

[1] Simas e Lopes, no *Dicionário da história social do samba*, destacam que muitas das primeiras escolas de samba do Rio de Janeiro foram fundadas por compositores e que a primeira ala de compositores organizada entre as escolas de samba cariocas foi criada na Estação Primeira de Mangueira, em janeiro de 1939: "os principais compositores da escola, entre eles Cartola, Carlos Cachaça, Aloízio Dias e Saturnino Gonçalves, também presidente da escola, fundavam aquela que é conhecida como a primeira ala de compositores organizada entre as escolas de samba cariocas." Além disso, os autores definem a ala de compositores como "na escola de samba, o grupamento responsável pela criação e interpretação musical, principalmente do samba de enredo escolhido para o desfile carnavalesco." (SIMAS; LOPES, *Dicionário da história social do samba*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, P. 68).

[2] Devani Ferreira, mais conhecido como Tantinho da Mangueira, foi um compositor, cantor e partideiro ligado à Estação Primeira de Mangueira. Por muitos anos, trabalhei como músico acompanhando-o em shows e rodas de samba, firmando também uma grande amizade. Fui seu parceiro na disputa de samba de enredo da Mangueira em 2010, para o carnaval de 2011, e posteriormente a partir de 2015. Para maiores informações sobre Tantinho, ver: https://dicionariompb.com.br/artista/tantinho-da-mangueira/

Sobre essa habilidade inata atribuída aos compositores e historicamente reconhecida no universo do samba, Samuel Araújo, em *Samba, sambistas e sociedade: um ensaio etnomusicológico*, desenvolve essa perspectiva e apresenta considerações relevantes a respeito:

> É unânime a convicção de ser inata a habilidade que singulariza o ofício de compositor (Leopoldi, 1978) – a elaboração de canções –, contrastando com o extenso processo de aprendizado e prática que se entende como associado à aquisição de outros saberes próprios do samba, sejam cinéticos (dança e movimento corpóreo em geral) ou acústicos (execução instrumental, canto). Essa aptidão singular envolveria fundamentalmente uma sensibilidade fina para questões humanas, desde as cotidianas às mais eventuais, das metafísicas às mais mundanas e assim por diante. O compositor basicamente enquadra esses temas sob uma certa ótica (p. ex., bem-humorada, emocional e/ou crítica) que em geral escapa ao cidadão comum e, uma vez revelada, encontra sua expressão mais efetiva em uma canção. Um compositor ou uma compositora é, portanto, uma ‘gura relativamente poderosa nesse universo (o mundo samba), onde é central a produção de um corpo de canções, não importando sua origem social ou suas condições econômicas. (ARAÚJO, 2021,

Nesse contexto, especialmente a partir da formação de uma nova coordenação para a ala de compositores no ano de 2022, composta por Pedro Terra (presidente), Alexandre Naval (vice-presidente) e Jorge Mazzoni (secretário-geral), após um período em que o grupo permaneceu sem comando definido, uma das formas pelas quais procurei contribuir com as iniciativas que surgiam no interior da ala foi justamente por meio da minha atuação enquanto músico. Embora eu ainda não integrasse oficialmente a nova direção[3], passei a colaborar mais diretamente com algumas das atividades que começaram a ser pensadas naquele momento. Ao longo das reuniões realizadas com os compositores, nas quais se discutiam as dificuldades enfrentadas pela ala e as possibilidades de fortalecimento do grupo, tornou-se recorrente a percepção de que carecíamos de iniciativas voltadas para a realização de encontros musicais capazes de agregar o grupo para além do período dos concursos de samba de enredo. Essas conversas, iniciadas nas reuniões da ala em meados de maio de 2022, foram temporariamente interrompidas pelo justamente pelo período da disputa de samba de enredo da escola[4], que se estende da entrega da sinopse até a final do concurso, aproximadamente entre os meses de maio/junho e outubro, sendo retomadas apenas após o término desse processo.

A partir dessas discussões começaram a surgir propostas para a realização de rodas de samba periódicas, para que as nossas reuniões formais fossem encerradas com música e com

[3] No ano de 2024 passei a exercer a função de vice-presidente da ala de compositores da Mangueira.
[4] O período da disputa de samba de enredo de 2022, para o carnaval de 2023, teve impacto significativo na minha posição dentro da ala, uma vez que integrei a parceria vencedora do concurso, sendo essa a minha primeira vitória na Mangueira. O samba de enredo “As Áfricas que a Bahia canta”, apresentado pela Estação Primeira de Mangueira no carnaval de 2023, foi composto por Lequinho, Júnior Fionda, Gabriel Machado, Guilherme Sá e Paulinho Bandolim. Dentro da escola, essa conquista marca uma diferenciação simbólica entre os compositores, que passam a ser distinguidos entre os chamados compositores “membros” da ala — aqueles que participam das reuniões, eventos, disputas e desfiles, mas que ainda não tiveram sambas vencedores — e os chamados “compositores efetivos”, isto é, aqueles que já tiveram sambas escolhidos para representar a escola no desfile oficial. Essa distinção constitui, ainda hoje, um ponto recorrente de debate e tensão entre os integrantes da ala.

pequenas confraternizações que permitissem não apenas relembrar o repertório clássico dos compositores antigos da Mangueira, mas também criar oportunidades para que os próprios integrantes da ala da atualidade apresentassem suas composições e compartilhassem suas experiências musicais. Entendíamos que a atuação musical da ala para além das disputas internas de samba poderia se tornar um dos principais fatores para a retomada de seu protagonismo dentro da agremiação e também para a ressignificação do papel do grupo. Nesse movimento, procurei colaborar mais diretamente na organização dessas atividades, colocando-me à disposição para ajudar na formação de um grupo musical e na estruturação dessas rodas de samba, que passaram a ser pensadas, em um primeiro momento, coletivamente por todos nós da ala.

Foi nesse ambiente de discussões internas e de tentativas de criação de novos espaços para a realização de encontros musicais entre os compositores, que vinham sendo debatidas nas reuniões do grupo e também em conversas informais entre seus integrantes ao longo de 2022, que começamos a idealizar, para janeiro de 2023, a festa de 84 anos da Ala de Compositores da Estação Primeira de Mangueira. Além de mantermos a tradição dos encontros realizados para celebrar o aniversário da ala no dia 20 de janeiro[5], data em que também se comemora o dia de São Sebastião, padroeiro da cidade do Rio de Janeiro e da própria escola.

Logo após o período de escolha do samba de enredo da agremiação, quando os compositores deixam de estar diretamente envolvidos com a disputa, mesmo aqueles que optam por não participar, mas que acompanham o processo ao longo das semanas, o grupo pôde se voltar novamente para os debates em torno da ressignificação da ala e para a realização dos encontros musicais que vinham sendo propostos. Foi nesse momento que a ideia de realizar a festa de aniversário da Ala de Compositores da Estação Primeira de Mangueira começou a ganhar força e forma entre os integrantes do grupo. A celebração do aniversário da ala, tradicionalmente realizada no dia 20 de janeiro, integra um calendário relativamente estável de encontros comemorativos do grupo, assumindo, contudo, diferentes formatos a cada ano, de acordo com a diretoria em exercício e com as condições de mobilização e as ideias propostas pelos próprios compositores.

Além da comemoração do aniversário da ala de compositores no dia 20 de janeiro, o grupo mantém também o costume de realizar outro encontro dentro de seu calendário de confraternizações: a Consoada[6], tradicionalmente organizada nas semanas que antecedem o

[5] Não consegui encontrar nenhum registro histórico que dê conta de explicar a partir de quando começaram a festejar o aniversário da ala de Compositores da Mangueira, porém, conversando com compositores mais tempo na ala, há um consenso de que é uma tradição bastante antiga do grupo. Na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, bem como no Acervo do Jornal O Globo, consegui encontrar matérias sobre a festa em várias datas diferentes.

[6] De acordo com os dicionários de língua Portuguesa, "consoada" refere-se à ceia da noite de Natal ou, de forma mais ampla, a um encontro de festivo nas celebrações de fim de ano. No contexto da Ala de Compositores da Mangueira, o termo é ressignificado para designar uma reunião de fim de ano entre os compositores, geralmente com bastante

período das festas de fim de ano. Logo que passei a comparecer às reuniões da ala, participei de edições da Consoada em 2017 e 2018, bem como de uma das festas de aniversário realizadas na quadra da escola em 2017. Segundo o relato de alguns compositores e também pela minha própria observação, entretanto, à exceção da festa de aniversário de 2017, esses encontros vinham ocorrendo de forma bastante esvaziada nos anos mais recentes, muitas vezes sem que outros segmentos da Mangueira sequer tivessem conhecimento de sua realização ou que houvesse uma mobilização interna mais ampla para tal. Após 2018, de fato, essa confraternização de fim de ano só voltou a ser realizada em 2022, já depois do período mais agudo da pandemia.

Consoada, projetos e reuniões da ala

A retomada desse encontro ocorreu justamente em dezembro de 2022, quando a Consoada da ala de compositores foi realizada no Bar Varandão[7], localizado na Rua Visconde de Niterói, número 512, nas proximidades da quadra da Mangueira. O local costuma sediar rodas de samba frequentes, como a do grupo Terreiro de Mangueira, e acabou se tornando um ponto de encontro importante para diversos segmentos da escola e tem atraído um público externo de diversas regiões do Rio de Janeiro. Dentro do nosso propósito de retomada das atividades musicais da ala de compositores, esse encontro foi extremamente significativo e aproximou ainda mais o grupo em torno de um objetivo comum. Realizamos uma grande confraternização entre nós compositores, na qual aqueles que tocavam instrumentos ficaram encarregados de levá-los, pois entendíamos que aquela seria uma ocasião propícia para reascender a tradição das rodas de samba do grupo e mobilizar os compositores em torno de uma tarde de samba, cerveja, conversa e celebração do amor à nossa escola. O encontro acabou sendo bastante bem-sucedido: cantamos diversos sambas de terreiro[8] antigos, sambas de enredo[9] de carnavais passados da Mangueira e também conseguimos adiantar informalmente alguns dos assuntos que seriam tratados em uma reunião mais estruturada no início do ano seguinte. Embora não me falte vontade de narrar com mais detalhes essa Consoada[10], faz-se necessário seguir adiante.

comida, bebida e samba. Segundo Jerônimo GG, ex-presidente da Ala, trata-se de uma tradição antiga, que deixou de ocorrer por cerca de vinte anos, sendo retomada em 2001.

[7] O bar localiza-se ao pé do Morro da Mangueira. Seu espaço principal consiste em um amplo terraço parcialmente coberto, onde há um bar, mesas para o público e uma área central destinada à realização de rodas de samba.

[8]: "Na verdade, o que as escolas de samba cantavam em seus primeiros desfiles não eram ainda sambas de enredo, mas sambas imitando o estilo batucado-marchado lançado pelo Estácio e que, por serem compostos – e executados – nos morros durante sessões de ritmo e cantoria ao ar livre, passaram mais tarde a ser chamados de *sambas de terreiro* e, finalmente, *sambas de quadra.*" (TINHORÃO, 2017, P. 140)

[9] Deforma bastante resumida, Nei Lopes em *Sambeabá: o samba que não se aprende na escola* como: "Modalidade de samba que consiste em letra e música criadas a partir do resumo do tema escolhido como enredo de uma escola de samba." (LOPES, 2003, P. 19)

[10] Ao final da Consoada realizada no Bar Varandão foi registrado um momento particularmente significativo e de rara beleza. Um dos presentes filmou os compositores cantando em coro o samba "A Mangueira Não Morreu", de Jorge Zagaia. O vídeo começa com o pôr do sol surgindo por entre as casas do morro enquanto os presentes entoam

Dessa forma, no início de janeiro de 2023, mais precisamente no dia 5, uma quinta-feira, nós compositores nos reunimos novamente, dessa vez no terceiro andar da quadra da Mangueira, para discutir de maneira mais formal e efetiva os preparativos da festa de 84 anos da ala. Convocado pelo presidente da ala e por seus coordenadores, o encontro teve como principal objetivo organizar a realização do evento, que precisaria ser preparado em poucas semanas. Durante a reunião foram discutidos diversos aspectos práticos da celebração, como custos, formas de arrecadação de recursos, divisão de tarefas entre os compositores e estratégias para viabilizar a estrutura necessária para a festa. Embora a quadra tivesse sido cedida pela presidência da escola, seria necessário arcar com despesas relacionadas à segurança, limpeza, equipamentos e bebidas, o que exigiu a mobilização financeira dos próprios integrantes da ala, seja por meio da antecipação de mensalidades, seja pela venda prévia de convites.

Antes do início formal da reunião, os compositores que já estavam presentes conversavam de maneira descontraída. Em determinado momento, alguém lembrou um antigo samba de enredo do compositor Padeirinho[11], O Grande Presidente, composto para o carnaval de 1956. Cantamos todos em coro a música, fazendo pausas ocasionais para confirmar alguns trechos da letra. Com a chegada de um contingente maior de compositores, a reunião foi iniciada e, dentre os diversos temas da pauta tratados de forma mais ligeira, passamos a nos deter na estrutura do evento que seria realizado poucos dias depois e, sobretudo, na concepção musical da roda de samba prevista para a festa. Desde o início, entendíamos que aquele evento não era pensado como uma ação isolada, tampouco orientada pela obtenção de lucro, mas como o ponto de partida para a criação de um calendário fixo de rodas de samba organizadas pela ala, com a intenção de que essas atividades passassem a ocorrer de forma periódica ao longo do ano dentro da agremiação. Já havia consenso entre os presentes de que, no âmbito dessas rodas, homenagearíamos os compositores antigos da escola já falecidos, com a execução de suas obras, o que implicaria um comprometimento coletivo em aprender e relembrar esses sambas, "garimpar" outros menos conhecidos e, consequentemente, contribuir para a preservação da memória musical da Mangueira.

juntos os versos da música. Entre os participantes estavam integrantes da Velha Guarda Musical da Mangueira, como Guesinha e Paulo Ramos, que compareceram para prestigiar o encontro, além de compositores de várias gerações da ala.

[11] Osvaldo Vitalino de Oliveira, popularmente conhecido como Padeirinho, foi um dos compositores mais importantes da história da Estação Primeira de Mangueira. Para mais detalhes sobre Padeirinho ver: https://dicionariompb.com.br/artista/padeirinho/ .

Nesse contexto, dois nomes foram inicialmente escolhidos para dar início aos trabalhos: Jorge Zagaia[12] e Olivério Ferreira, popularmente conhecido como Xangô da Mangueira[13], cujos centenários seriam celebrados, respectivamente, em 2022 e em janeiro de 2023. Em um primeiro momento, cogitou-se homenagear ambos na mesma roda; no entanto, por questões logísticas e conforme entendimento majoritário no grupo de WhatsApp, posteriormente confirmado na reunião, optou-se por realizar a primeira edição com apenas um homenageado, Jorge Zagaia.

Para a condução dessa proposta, foi formada uma pequena comissão responsável pela definição do repertório, das tonalidades, das harmonias e da formação do conjunto que estruturaria a apresentação musical. Esse grupo foi composto por mim e por Paulinho Bandolim, dois músicos profissionais da própria ala, pelo violonista de sete cordas Thiago Almeida, integrante do carro de som da escola convidado para colaborar com o projeto, e pelo então presidente da ala, Pedro Terra, que acompanhava e articulava as decisões junto aos demais compositores. A proposta apresentada previa a realização de uma roda de samba em formato acústico, privilegiando o canto coletivo dos compositores e dos demais participantes. Além dos sambas já consagrados do repertório da Mangueira, entre sambas de terreiro, sambas de quadra, sambas de enredo e músicas em homenagem à escola compostas por autores de fora[14], faríamos um set dedicado à homenagem a Jorge Zagaia. Nesse sentido, houve uma tentativa, por parte da comissão musical que formamos, de organizar uma playlist no YouTube com músicas do compositor gravadas comercialmente por diferentes artistas e selecionadas para a roda. Além disso, enviamos no grupo de WhatsApp da ala os áudios dessas músicas em formato mp3, bem como suas letras em PDF, com o intuito de que os integrantes pudessem aprendê-las, uma vez que grande parte desse repertório não era amplamente conhecida pelo grupo. É importante destacar que essa iniciativa, assim como outras decisões relativas à condução musical do evento, não envolveu a participação de todos os membros da ala.

Em determinado momento da reunião, Paulinho Bandolim pediu a palavra para apresentar com mais detalhes a concepção musical da roda de samba que estávamos propondo para a festa. A ideia central era a realização de uma roda em formato acústico, privilegiando o canto coletivo dos compositores e dos demais participantes, em uma tentativa de recriar um ambiente próximo

---

[12] De acordo com o *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*, Jorge Zagaia, além de compositor e cantor, foi um dos fundadores da Ala de Compositores da Estação Primeira de Mangueira. Para mais informações sobre sua vida e obra, ver: https://dicionariompb.com.br/artista/zagaia/.

[13] Além de ser considerado o maior diretor de harmonia da Estação Primeira de Mangueira de todos os tempos, Xangô da Mangueira também foi um importante compositor, destacado sobretudo por sua habilidade no samba de partido-alto. Para mais informações sobre o artista, ver: https://dicionariompb.com.br/artista/xango-da-mangueira/.

[14] Em uma transmissão ao vivo no Youtube (live) no período da Pandemia de Covid-19, o músico e produtor Paulão Sete Cordas, intitulada "Baú da Verde e Rosa", o artista descreve esse repertório característico como "músicas feitas por seus fundadores, por membros da primeira ala de compositores, por compositores que fizeram história na escola ao longo dos anos e sambas feitos por pessoas que homenagearam a Mangueira." **https://www.youtube.com/watch?v=GZPeJWG6vnI&t=4285s**

ao das antigas rodas de samba da Mangueira, nas quais os sambas eram entoados em coro pelos presentes, sem a centralidade da figura de um cantor responsável pela condução da apresentação. Esse formato de roda de samba tem sido adotado por alguns grupos na cidade do Rio de Janeiro, dentre eles o Terreiro de Vovó, analisado por Leonardo Arouca (2022), cujo trabalho discute o caráter acústico dessas rodas como elemento de manutenção de tradições, e o Terreiro de Mangueira, realizado mensalmente no próprio Bar Varandão, constituído por integrantes de fora da localidade da Mangueira e cujo repertório não se limita apenas à produção da escola, incluindo sambas de diferentes agremiações.

Nesse sentido, era recorrente entre nós a percepção de que "como pode haver um terreiro de Mangueira que não canta as músicas da escola e nós não termos o nosso espaço?". A homenagem ao compositor Jorge Zagaia serviria como eixo inicial do repertório, cuja preparação envolvia o aprendizado e a circulação de sambas de sua autoria entre os integrantes da ala, como forma de valorizar a memória musical da escola. Tratava-se também de um repertório pensado para ser retomado e ampliado em futuras edições da roda. A proposta foi bem recebida pelos compositores presentes e, naquele momento inicial, não houve objeções quanto ao formato sugerido, embora, como se verá na própria festa, o modelo de uma roda acústica viesse posteriormente a gerar algumas questões significativas entre os participantes. Tratava-se, assim, da primeira experiência prática nesse formato, o que gerava entre nós uma expectativa considerável em torno do resultado do encontro.

A reunião foi encerrada em um clima de mobilização e expectativa em torno da realização da festa, com a concordância geral quanto ao formato proposto para a roda de samba e com o comprometimento dos compositores em viabilizar o evento nos dias seguintes. Ao mesmo tempo, algumas questões relacionadas à dinâmica da apresentação musical já vinham sendo definidas a partir das discussões conduzidas por um grupo mais restrito de integrantes da ala, sobretudo no que diz respeito à escolha e organização do repertório e à adoção do canto coletivo como princípio central da roda. Ainda que essas decisões tenham sido bem recebidas naquele momento, seria na própria realização da festa que esse modelo encontraria sua primeira experiência prática, momento em que viriam à tona diferentes expectativas entre os participantes e, com elas, as divergências ao longo do evento.

Aniversário da ala e homenagem ao compositor Jorge Zagaia

Assim, nos dias que se seguiram às reuniões, com o contato mantido entre os integrantes por meio de mensagens em grupos de WhatsApp, o dia 22 de janeiro de 2023 marcou a realização da festa em comemoração aos 84 anos da ala de compositores da Estação Primeira de Mangueira.

Apesar de o aniversário da ala ser celebrado no dia 20 de janeiro, data em que também se comemora o dia de São Sebastião, padroeiro da cidade do Rio de Janeiro e da própria escola, por conta de um evento que seria realizado na quadra nesse dia 20, a presidenta Guanayra Firmino nos cedeu o espaço apenas para o dia 22, já que o dia 21 caiu em um sábado, quando tradicionalmente ocorrem os ensaios festivos na quadra, que costumam terminar apenas de madrugada. Desse modo, a festa ocorreu no domingo à tarde.

Antes, porém, de tratar da roda propriamente dita, é importante retomar brevemente a organização do evento. Foram acordadas entre os compositores algumas funções e a divisão em pequenos grupos responsáveis por determinadas tarefas. Parte da ala ficou encarregada da montagem da estrutura da festa na parte da manhã, enquanto outros integrantes chegariam mais tarde e permaneceriam até o final, contribuindo com a desmontagem. Como minha intenção era acompanhar todas as etapas do evento, optei por estar presente desde cedo, o que me permitiu observar de perto as conversas entre os compositores e perceber o clima de entusiasmo que marcava aquele momento, bem como as expectativas em torno da realização da roda e da continuidade do projeto.

A estrutura da roda de samba foi organizada para ficar ao centro da quadra, com os músicos posicionados ao redor e as cadeiras dispostas em formato circular para os compositores, com microfones voltados à captação do som ambiente, privilegiando o canto coletivo, conforme havíamos combinado previamente. Segmentos como baianas, velha guarda, harmonia e departamento feminino, convidados para o evento, seriam acomodados próximos à roda, sob a expectativa de que pudessem participar ativamente do fazer musical coletivo, sobretudo cantando junto conosco.

Durante o momento em que estávamos trabalhando na organização espacial do evento, encontrei nas mesas papéis contendo um QR-Code[15] que direcionava a um arquivo com as letras dos sambas de Jorge Zagaia que seriam executados na roda. Não me recordava, naquele momento, de que faríamos uso desse recurso, embora essa proposta tivesse sido apresentada na reunião. A utilização do QR-Code tinha como objetivo facilitar o acesso ao repertório e estimular a participação do público, substituindo os prospectos[16] comumente utilizados nas disputas de sambas de enredo e, mais antigamente, nos ensaios em que se cantavam os sambas de quadra ou de terreiro. Havia, portanto, uma preocupação evidente com a adesão dos presentes, especialmente considerando que, embora Jorge Zagaia fosse um compositor de grande importância para a

[15] O que é QR-CODE? Código de resposta rápida. Esse é o nome completo do QR Code (Quick Response Code). Consiste em um gráfico 2D que pode ser lido pelas câmeras dos celulares. https://acesso.gov.br/faq/_perguntasdafaq/oqueeqrcodemobile.html.

[16] No ambiente das escolas de samba, prospectos é o nome usado para se referir aos panfletos contendo as letras dos sambas de enredos concorrentes que são distribuídos pelas parcerias durante o período de disputa de samba.

história da escola, parte de sua obra não era amplamente conhecida, inclusive entre integrantes da própria Mangueira.

A utilização desse recurso de leitura do QR-Code para se ter acesso às letras dos sambas a serem cantados em uma roda de samba contrasta com uma referência ao relato do compositor Elton Medeiros[17] sobre os sambas de terreiro e o formato em que eram executados nas reuniões de compositores, no livro *Para Ouvir o Samba: Um Século de Sons e Ideias,* do músico e pesquisador Luís Felipe de Lima.

> Outra importante figura que deixou vários relatos sobre o samba de terreiro na década de 1950 foi o compositor Elton Medeiros, ligado, naquele tempo, à escola de samba Aprendizes de Lucas. Elton contava que, nas reuniões das alas de compositores, havia um processo tácito de seleção do repertório que seria cantado nos ensaios principais, com a bateria. Para isso, os dirigentes da ala ficavam espiando a reação das pastoras, que aprendiam os sambas inéditos à medida que seus compositores os apresentavam. Os sambas que eram aprendidos com mais facilidade e que eram entoados com maior empolgação pelas pastoras recebiam automaticamente deferência. (LIMA, 2022, P. 115)

Apesar do planejamento, já nas horas que antecediam o início da roda, era possível perceber uma adesão ainda reduzida dos compositores na quadra, o que poderia comprometer o modelo proposto de execução musical e a participação coletiva. Havíamos combinado de estarmos na quadra às 13h para que pudéssemos almoçar[18] juntos antes do início das atividades. Entretanto, alguns compositores ainda permaneciam do lado de fora, bebendo e conversando nas barracas da localidade, o que levou parte dos organizadores mais ativos a mobilizarem esforços para reuni-los, para que pudéssemos dar início à roda, já que era chegado o horário de começarmos. Como discute Leonardo Arouca (2022), o funcionamento de rodas de samba baseadas no canto coletivo depende diretamente do engajamento dos participantes, o que nem sempre se realiza de forma homogênea e, no nosso caso, havia também uma insegurança em relação ao repertório proposto e à adesão tanto da ala quanto dos demais segmentos da escola.

> Em alguns eventos que participamos, pudemos observar que o engajamento do público participante com as músicas entoadas durante a roda sem microfone é irregular, muitas vezes distante e frio. Para que uma roda de samba sem microfone funcione, o canto coletivo é fundamental e garantir essa participação não é algo simples, variando a cada dia. Por este sentido, a ideia de uma roda de samba sem amplificação não deve ser tomada de modo radical, mas os próprios sambistas administram o uso da amplificação de modo cauteloso, evitando o microfone na voz, mas reforçando a captação de alguns instrumentos de harmonia e percussão. (AROUCA, 2022, P. 226)

[17] Para maiores informações sobre Elton Medeiros ver: https://dicionariompb.com.br/artista/elton-medeiros/
[18] O almoço estava sendo servido por duas integrantes da ala das baianas que contratamos para a função e as bebidas, conseguidas por consignação com a direção da escola, estavam sendo vendidas no fundo da quadra por membros da própria ala de compositores. Seria uma das únicas fontes de renda nossa para poder arcar com as despesas que teríamos com a parte operacional do evento, além do adiantamento das mensalidades, uma vez que optamos por oferecer a comida aos convidados.

Ainda assim, mesmo sem todos os integrantes da ala e com um número ainda bastante reduzido de integrantes de segmentos da escola presentes na quadra, era necessário começar. Por volta das 14h, os músicos e compositores presentes começaram a se posicionar em seus lugares, com a formação inicial composta por instrumentos de corda e percussão, mantendo-se, ao menos naquele momento, a proposta de uma roda sustentada pelo canto coletivo. O início efetivo da roda ocorreu poucos minutos depois, praticamente dentro do horário previsto.

A princípio, a nossa intenção era dividir a apresentação em três momentos. O primeiro set seria composto por quarenta minutos dedicados a sambas de terreiro da Mangueira e vinte minutos a sambas de enredo. Após um intervalo de trinta minutos, retornaríamos às 15h30 para a realização de um set em homenagem ao compositor Jorge Zagaia, com a execução de onze músicas de sua autoria. Ao final desse momento, faríamos a entrega de uma placa comemorativa aos seus familiares, em reconhecimento ao seu centenário e à sua importância como um dos fundadores da Ala de Compositores da Mangueira. Em seguida, após novo intervalo, realizaríamos o terceiro e último set, previsto para as 17h, com maior ênfase nos sambas de enredo. A programação deveria se encerrar até, no máximo, às 18h30, em função do ensaio de rua da escola, marcado para as 20h, na rua Nova, atual rua Nelson Sargento.

A roda foi estruturada a partir de uma banda base responsável por sustentar a execução musical ao longo de todo o evento, composta por instrumentos de corda e complementada por dois integrantes da Velha Guarda Musical da Mangueira na percussão. Haveria uma flexibilidade para que membros da ala de compositores pudessem chegar com instrumentos de percussão ou de cordas e sentar para tocar e cantar junto, enquanto os demais integrantes da ala e dos outros segmentos ficariam em torno da roda.

O entorno da quadra ainda apresentava muitas mesas vazias. Além do calor intenso daquele dia, havia um ensaio de rua da Mangueira marcado para as 20h, o que fez com que muitos componentes da escola optassem por chegar mais tarde, permanecendo na quadra apenas no período que antecederia o ensaio. O número reduzido de compositores e de integrantes dos demais segmentos comprometeu desde o início o modelo proposto, uma vez que não havia pessoas suficientes para sustentar o canto sem a utilização de microfones, embora o repertório inicial incluísse sambas relativamente conhecidos de compositores como Cartola, Nelson Cavaquinho e Geraldo Pereira.

Como é costume em eventos da escola, a roda teve início com o hino “Exaltação à Mangueira”, único momento em que se estabeleceu um canto coletivo acústico consistente entre os presentes. Após a execução do samba, o presidente da ala de compositores utilizou o microfone, até então destinado apenas a informes, para dar as boas-vindas, destacar a importância da data e reforçar o esforço da ala em promover atividades que reaproximassem os compositores dos

demais segmentos da escola. Ao final, fez uma convocação para que os compositores se aproximassem da roda e participassem da execução musical.

Na sequência, demos continuidade ao repertório previsto. Diferente do que ocorreu no primeiro samba, nos seguintes não houve a mesma adesão ao canto coletivo, produzindo a sensação de que havia apenas o acompanhamento instrumental, sem uma condução vocal claramente definida. Nesse contexto, me pareceu haver uma tentativa do compositor Paulinho Bandolim de orientar e ajudar na execução ao solar, no instrumento, trechos das melodias dos sambas. A iniciativa se deu em meio a um cenário de pouca definição de uma performance coletiva, embora pudesse contribuir para a condução musical, alguns compositores passaram a questionar tanto a ausência de microfones quanto o próprio formato da roda, especialmente aqueles mais habituados a cantar individualmente.

Já nas primeiras músicas do primeiro set tornava-se evidente o descontentamento de parte dos compositores com o modelo proposto, apesar de sua aceitação prévia nas reuniões. Ao mesmo tempo, evidenciava-se também um descompasso entre o repertório selecionado, definido por um grupo mais restrito, e o domínio efetivo desse repertório por parte da ala, o que dificultava ainda mais a adesão ao modelo.

Enquanto o set se desenvolvia, mais pessoas começaram a chegar à quadra, entre compositores, diretores, integrantes de diferentes segmentos da escola, convidados de outras agremiações e público geral. Ainda assim, a participação permanecia limitada, e seguimos tentando sustentar o repertório previsto, anunciando os sambas e estimulando o envolvimento dos presentes. A expectativa era de que o aumento gradual do público contribuísse para a consolidação do formato, mas, ao longo do primeiro set, não conseguimos estabelecer a sintonia entre músicos, compositores e demais participantes.

No intervalo, parte dos compositores se reuniu para avaliar o que não havia funcionado e discutir possíveis ajustes. Nesse momento, tornaram-se mais explícitas as insatisfações que já vinham sendo percebidas durante o primeiro set. Entre as sugestões levantadas, proposta de utilização de microfone para a condução da performance ganhou força, sob o argumento de que a presença de um intérprete poderia facilitar a participação de todos. Ao mesmo tempo, evidenciava-se o interesse de diversos compositores em cantar individualmente, o que tensionava diretamente o modelo inicialmente proposto de uma roda acústica. Formava-se, assim, um clima de conflito que se intensificaria no decorrer do evento, sobretudo a partir do segundo set, quando o formato da roda passaria por alterações mais significativas.

De toda forma, iniciamos o segundo set ainda com alguma expectativa de que o formato proposto pudesse se sustentar, sobretudo considerando que o repertório havia sido previamente disponibilizado aos compositores e que também havia, nas mesas, o acesso às letras por meio de

QR Code. A família de Jorge Zagaia já se encontrava na quadra, assim como o ex-presidente da escola e compositor Álvaro Luís Caetano, o Alvinho, convidado para participar da homenagem. Assim que os músicos se posicionaram em seus lugares para o reinício da roda, chamamos Alvinho para estar junto dos compositores e participar da entrega da placa em homenagem a Zagaia para sua família. Reconhecido na escola por gostar de participar de encontros musicais e por possuir na memória um vasto repertório de antigos sambas de terreiro da Mangueira, Alvinho se juntou ao grupo, pediu aos músicos de corda que "ferissem" a tonalidade de Ré maior, indicou o andamento para o acompanhamento do conjunto e começou a cantar o samba "Quem Chegou Foi a Mangueira", de Quincas e Mestre Gato.

Após esse início de segundo set mais animado, o presidente da ala de compositores voltou a utilizar o microfone, dessa vez para convocar os presentes a se aproximarem da roda, dando início à homenagem ao compositor Jorge Zagaia e à entrega de uma placa comemorativa à sua família. Em sua fala, destacou a importância de Zagaia para a história da Mangueira e para a ala de compositores, bem como a relevância de sua obra. Alvinho também tomou a palavra e reforçou o papel do compositor como referência para diferentes gerações. Nesse momento, aproximaram-se da roda Jorge Luís e Yago[19], respectivamente filho e neto do compositor homenageado, e a placa foi entregue. Visivelmente emocionado, Jorge Luís a ergueu como um troféu e agradeceu a homenagem, ressaltando o vínculo de seu pai com a escola.

A partir do clima que se instaurou na quadra após a interpretação de "A Mangueira não Morreu", pedimos que Jorge Luís continuasse, embora houvesse o receio de que não conseguíssemos retornar à roda acústica. Ainda assim, sugerimos que cantasse a segunda música programada para o set, o samba de enredo da Mangueira de 1962, "Casa Grande e Senzala", de Zagaia em parceria com Comprido e Leléo. Após um breve debate entre os músicos sobre a tonalidade mais adequada, decidimos executar o samba em Dó maior, como previsto no roteiro. Com a contagem inicial e alguns compassos em uma levada mais próxima dos 130 Bpms, ele iniciou a interpretação.

Pude constatar que, não apenas nesse evento, mas também em outras rodas e encontros musicais da Mangueira, os sambas de enredo da escola possuem um forte apelo popular, estimulando a participação de diferentes segmentos. Por serem bastante conhecidos entre os mangueirenses, os dois primeiros sambas do homenageado foram amplamente cantados pelos presentes naquele momento. Entretanto, o mesmo não se verificou nas músicas seguintes, que não mobilizaram o grupo da mesma forma. Ainda assim, permanecíamos com a expectativa de que

[19] Yago, neto de Jorge Zagaia, tem interesse por música, toca cavaquinho, compõe e, à época, integrava um grupo de pagode. Por essas razões, e também por sua descendência familiar, pensamos em convidá-lo a participar das atividades da ala de compositores, com o intuito de promover iniciativas voltadas à renovação do segmento. No entanto, o contato não chegou a ser realizado naquele momento.

"Casa Grande e Senzala" seria a última interpretação individual com uso do microfone. Não foi o que ocorreu. A preocupação que já se desenhava começava, naquele momento, a se confirmar.

Após a execução das duas primeiras músicas, percebemos que muitos compositores da ala já não estavam mais próximos dos músicos, embora contássemos com a participação de todos, sobretudo naquele momento dedicado ao repertório de Jorge Zagaia. Tornou-se evidente que a maior parte dos integrantes não havia se preparado para cantar os sambas selecionados, o que comprometia diretamente o canto coletivo. Nesse contexto, apenas o compositor Lê Santana, cantor profissional e integrante da Velha Guarda Musical da Mangueira, demonstrava domínio integral do repertório. Tendo se preparado previamente e decorado os sambas escolhidos, prontificou-se a conduzir a roda até o final do segundo set. Desde o início de sua participação, sua atuação se destacou pela segurança e pelo domínio das músicas, inclusive das menos conhecidas, o que permitiu dar continuidade à homenagem em um momento que já se mostrava crítico.

Devido ao avançar da hora, optamos por seguir com a roda de samba e não realizar o intervalo entre o segundo e o terceiro set. Após Lê Santana terminar de cantar todos os sambas do repertório de Jorge Zagaia que havíamos selecionado previamente, foi possível notar a formação de uma fila de compositores atrás dele. Todos queriam cantar para o público presente que, àquela altura, embora não fosse numeroso, já era significativamente maior do que no início do evento. A fila contava com mais de dez compositores, incluindo também pessoas presentes que não faziam parte da ala.

A partir desse momento, a roda tomou outro rumo. O repertório previamente definido foi deixado de lado e cada compositor passou a escolher o que iria cantar na hora. Alguns pediam a tonalidade, determinavam o andamento aos músicos e iniciavam o o acompanhamento instrumental do samba. Em casos bem pontuais, muito provavelmente pela ansiedade de mostrar seu trabalho naquele momento, a pessoa simplesmente iniciava a interpretação da música sem comunicar as informações necessárias para que a banda pudesse acompanhar. Por essa razão, em determinadas situações foi necessário interromper a execução musical para a correção da tonalidade e o alinhamento de andamento com os músicos. Além disso, muitos optaram por apresentar composições próprias, e não os sambas dos compositores antigos da Mangueira. Na maior parte das vezes, não conhecíamos as músicas interpretadas, o que prejudicava a condução da roda e a performance de todos, algo que começou a se tornar evidente diante da reação dos presentes.

Não havia quem pudesse controlar o que estava acontecendo, estabelecendo, pelo menos, um mínimo de organização. Coube a nós, que estávamos responsáveis pelo acompanhamento harmônico da roda, a tarefa de limitar a participação de cada compositor a dois sambas. Isso gerou certa indisposição com o grupo. Alguns queriam cantar mais, outros queriam falar, o público

buscava participar, enquanto uma parte ainda desejava o retorno ao formato acústico inicial. O clima, dessa forma, tornou-se relativamente tenso. Ainda assim, foi possível presenciar momentos muito bonitos ao longo da continuidade da roda.

Um desses momentos mais significativos da tarde ocorreu quando, após aguardar na fila formada pelos compositores, o ex-cantor do carro de som da escola e também compositor Eraldo Caê pegou o microfone para cantar dois sambas. Iniciou sua participação afirmando que, em uma roda de samba da ala de compositores da Mangueira, não poderia faltar "Exaltação à Mangueira", hino da escola, e interpretou o samba sem saber que ele já havia sido executado no início do evento. Apesar da repetição, a música foi amplamente cantada pelos presentes.

O episódio, embora não tenha comprometido o andamento do evento, e tenha inclusive promovido um momento positivo de interação entre os participantes da roda e o público, evidenciou a ausência de uma comunicação mais efetiva entre os compositores, mesmo após a realização de reuniões para a concepção e organização da festa. Parte dos compositores, à época, já não participava dessas reuniões, embora continuasse frequentando eventos da escola e da própria ala.

Entretanto, o momento mais significativo da participação do compositor e cantor ocorreu na segunda música. Após pedir a tonalidade de Dó maior, iniciou a interpretação de "Meninos da Mangueira", composição de Ataulfo Alves em parceria com Sérgio Cabral. Nesse momento, o passista e também compositor Índio da Mangueira foi ao centro da roda sambar acompanhado da baluarte[20] Guesinha, filha de Dona Neuma. A performance de ambos, somada à interpretação de Eraldo, fez com que diferentes segmentos da escola se aproximassem da roda e interagissem com os músicos. Tratou-se de um momento de grande força simbólica ao longo da tarde, na medida em que reuniu integrantes mais antigos da escola, fortemente vinculados à agremiação, em uma prática compartilhada que articulava música, dança e pertencimento, ao mesmo tempo em que mobilizava a emoção dos mais jovens presentes, especialmente no trecho do samba que diz: "e onde é que se encontra o passado, futuro e presente / onde o samba é permanente / na Mangueira, minha gente".

A partir daí, a roda seguiu nesse formato de participações individuais até o final. O evento, como um todo, produziu avaliações bastante distintas entre os compositores. Para alguns, o uso do microfone representou uma oportunidade de apresentar seus trabalhos autorais e estabelecer maior comunicação com o público; para outros, a roda tornou-se excessivamente desorganizada a partir de determinado momento. O formato de canto coletivo, inicialmente proposto, não

[20] No vocabulário militar, "baluarte" é o sustentáculo de um reduto, a fortaleza inexpugnável. O termo acabou se incorporando ao universo das escolas de samba para designar aquele indivíduo, geralmente veterano, que se destaca como grande defensor dos valores de sua agremiação e das tradições do samba, não medindo esforços nem sacrifícios. (LOPES; SIMAS, 2017, P. 31)

mobilizou parte significativa da ala, o que evidenciou a necessidade de uma discussão mais ampla sobre os rumos das atividades do grupo.

Algum tempo depois, pude entrevistar alguns dos compositores envolvidos com a realização da roda de samba em 2023, dentre eles o compositor Paulinho Bandolim, que integrou comigo a comissão responsável pela escolha do repertório e pela concepção musical da roda. A partir de uma reflexão que fizemos juntos, chegamos à avaliação de que algumas decisões, ainda que orientadas por uma intenção considerada positiva naquele momento, acabaram interferindo diretamente no rumo dos acontecimentos. Como observa Paulinho:

> A maioria das pessoas conhece uma música do Zagaia ou duas. Então a gente teve uma intenção nobre, mas olhando hoje, dois anos depois, acho que talvez hoje a gente não propusesse aquilo, sabendo da dificuldade que seria. Achei muito legal a gente conversar disso depois de um tempo. Eu estou refletindo sobre isso há muito tempo, sobre esse encontro. Eu acho que existe uma dificuldade muito grande de conectar esse grupo tão heterogêneo nas referências musicais, de tudo, de conectar esse grupo com algo em comum, que é o passado musical da Mangueira. Então eu acho que hoje, pensando melhor, tem que se pensar em uma estratégia de escolha de caminhos, de repertório, que seja mais próximo dessas pessoas. Mas eu acho que, fundamental também é achar caminhos para que as pessoas entendam que a atividade na ala tem que ser no plano coletivo, não individual, que é algo que é natural que aconteça também. Se você tem uma ala que não é fortalecida, que não tem uma vivência, não tem uma coisa acontecendo, quando acontece, todo mundo encara aquilo ali como uma oportunidade de mostrar o seu trabalho individual, porque não existe coletividade. A partir do momento que você constrói com essa coletividade, as pessoas começam a embarcar nela. (Paulinho Bandolim, entrevista, 2025)

Algumas reflexões de compositores e demais participantes foram compartilhadas comigo ainda no pós-evento. Após o encerramento da festa, parte dos compositores permaneceu na quadra para auxiliar na desmontagem da estrutura, beber a "saideira" e comentar os acontecimentos do dia, enquanto outros seguiram para o ensaio de rua da escola. Permaneci por mais tempo no local, interessado em acompanhar essas conversas e escutar as avaliações dos participantes. O ambiente foi marcado por diferentes impressões sobre o evento, o que era esperado diante de uma experiência compartilhada por pessoas que, embora integrassem um mesmo grupo, possuíam visões e objetivos diversos.

Entre essas opiniões, tornaram-se evidentes percepções distintas sobre o uso do microfone e sobre o próprio formato da roda. Para alguns, tratou-se de uma oportunidade de visibilidade individual e de maior interação com o público; para outros, as apresentações individuais se afastaram da proposta inicial e trouxeram dificuldades para a condução musical, especialmente diante da execução de repertórios desconhecidos pelos músicos. Somaram-se a isso questionamentos relacionados ao próprio papel da ala de compositores: por um lado, a expectativa de que houvesse maior espaço para a apresentação das composições dos seus integrantes, sobretudo em um contexto em que se buscava ampliar o protagonismo da ala para além da disputa de samba de enredo; por outro, a indagação sobre até que ponto caberia ao grupo apenas a

preservação da memória musical da escola por meio de um formato de roda orientado pelo canto coletivo acústico e pela valorização de determinados ideais de tradição e autenticidade[21].

De fato, esse debate, envolvendo a manutenção da tradição e da autenticidade em contraponto à busca por espaço para a apresentação de obras contemporâneas da ala já se colocava de maneira bastante concreta nas conversas realizadas ainda naquele momento, ao final do evento.

Nesse contexto, conversei também com o cantor Lê Santana, cuja atuação havia sido decisiva para a condução do segundo set. Já naquele momento, compreendíamos que a presença de um cantor experiente, com domínio do repertório, poderia desempenhar um papel fundamental para o funcionamento da roda. Sua participação, ao garantir a continuidade da homenagem a Jorge Zagaia, acabou se tornando uma referência importante para pensarmos possíveis caminhos para as próximas iniciativas da ala.

Infelizmente, ao longo de 2023 não conseguimos dar continuidade aos encontros periódicos que almejávamos, muito por conta das divergências ocorridas na roda de samba de janeiro, tanto de ordem musical quanto de ordem estrutural, que, por uma questão de espaço em um artigo, optei por não dar tanta ênfase. Ao longo do ano fizemos apenas uma roda de samba a convite do departamento cultural da escola, que promoveu a FLIC-Mangueira, e a Consoada de fim de ano. As demais atividades do grupo ficaram a cargo da própria disputa de sambas de enredo, que é guiada pela própria Mangueira, sem a autonomia da ala.

Em uma reunião da ala ocorrida em junho de 2024, foi possível retomar coletivamente essas experiências e escutar novas avaliações sobre o evento, dentre as quais destaco a fala de Mauro de Quintino, cantor e compositor que, apesar de ter tecido elogios à intenção do formato de roda voltado para o repertório antigo da escola e o canto coletivo, também cobrou um espaço maior para a divulgação de trabalhos autorais dos integrantes da ala:

> E também ficar muito preso ao repertório de Mangueira eu acho engessado. De vez em quando é importante cantar uma música sua para o pessoal saber que você também é de compor, de compor meio de ano, independente da Mangueira. Porque entra ano e sai ano é aquilo mesmo. Você entendeu? Os compositores já se foram. Vai resgatar a memória? Vai resgatar a memória. Canta uma, canta outra. Não deixa passar em branco. Mas eu vou propor que cante as músicas dos compositores da ala. (Mauro de Quintino, reunião da ala de compositores em junho de 2024)

Considerações Finais

[21] A noção de "autenticidade" associada ao samba não constitui um dado fixo, tendo sido historicamente construída, em grande medida, a partir de perspectivas folcloristas que buscaram sacralizar determinadas práticas. Em contraponto, estudos recentes indicam que os sambistas, desde o início do século XX, se afirmavam como artistas inseridos em circuitos urbanos, voltados à criação e circulação de uma produção musical contemporânea. Ver: CARMO, Alípio Pereira (2024); LIMA, Lurian José Reis da Silva (2022).

A partir dessa e de outras reuniões, nos anos seguintes, conseguimos nos organizar de forma mais eficaz, fazer encontros nos quais pudemos mostrar nossas músicas, compartilhar ideias e, dentro do possível, promover outras rodas de samba. E, dessa forma, sigo tentando colaborar com a ressignificação e valorização da ala de compositores da Estação Primeira de Mangueira, buscando ouvir e colaborar coletivamente com as ações do grupo, atualmente exercendo a função de vice-presidente do grupo e, ainda, como um pesquisador atuante e "militante", totalmente imerso e apaixonado pelo meu "objeto de estudo", símbolo de pertencimento e paixão por uma escola de samba e por uma causa que me move: ser um dos poetas em defesa do pavilhão verde e rosa da "maior escola de samba do planeta"[22].

[22] Trecho do grito de guerra do falecido intérprete da Mangueira, Luizito, que antes de cantar os sambas da Mangueira entoava o grito: "chegou a garra, chegou a emoção. Chegou a escola de samba mais querida do planeta. Chegou a Estação Primeira de Mangueira".

Referências

ARAÚJO, Samuel. Samba, sambistas e sociedade: um ensaio etnomusicológico – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2021.

AROUCA, Leonardo Brito. Materialidade e autenticidade na roda de samba: considerações sobre o uso do microfone em rodas no Rio de Janeiro. Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, n. 22, p. 218–245, 2022.

CAMBRIA, Vincenzo; FONSECA, Denise Pini Rosalem da; GUAZINA, Laiza Ferreira. Pesquisa-ação participativa: reflexões metodológicas. 2016.

CARMO, Alípio Pereira. A voz do morro: como foram criadas as escolas de samba (1923–1939). 2024. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile. Editora UFRJ, Minc/Funarte. Rio de Janeiro, 1994.

GOLDWASSER, Maria Júlia. O palácio do samba: estudo antropológico da escola de samba Estação Primeira de Mangueira. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

LEOPOLDI, José Sávio. Escola de Samba, ritual e sociedade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

LIMA, Luís Filipe de Lima. *Para ouvir o samba: um século de sons e ideias*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Artes (Funarte), 2022.

LIMA, Lurian José Reis da Silva. “Essa história você precisa ouvir!”: memórias do circuito de música negra do Rio de Janeiro (1887–1972). 2022. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

LOPES, Nei. Sambeabá: o samba que não se aprende na escola. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Folha Seca, 2003.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antônio. Dicionário da história social do samba. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

TINHORÃO, José Ramos. *Música e cultura popular: vários escritos sobre um tema em comum*. São Paulo: Editora 34, 2017.
Referências